

A cigana que estuda a palma da mão, o astrólogo que estuda as constelações, a sibila que aspira os vapores, o mistólogo que se inebria com o sangue do bode, o profeta que se abre à inspiração divina, e o cientista que formula leis e compute estatísticas, todos procuram o mesmo: conhecer o futuro. Já que se trata, portanto, de um anseio antigo e universal, vale a pena perguntar: O que é esse futuro que todos procuram conhecer? É uma pergunta aparentemente ingenua, pois todo mundo crê saber a resposta. Entretanto, este tipo de perguntas ingenuas fornece, às vezes, respostas surpreendentes.

O futuro, dirá aquele que fala português, é o que vai ser. Ou, se for mais formal, dirá que o futuro é o que será. O inglês dirá que o futuro é o que quer ser (what will be). O alemão dirá que o futuro é o que devem ser (was sein wird). Estas quatro respostas bastam para a finalidade que tenho em mente. Terão elas realmente o mesmo significado? "O que vai ser", "o que ser há", "o que quer ser" e "o que devem ser" significa realmente a mesma "coisa", a saber o futuro? Qualquer livro de gramática para principiantes responderá afirmativamente. Entretanto, creio que o leitor compartilha comigo na dúvida dessa afirmativa.

As quatro respostas devem o seu significado a quatro verbos auxiliares: "ir", "haver", "querer" e "dever". A resposta à nossa pergunta original: "o que é futuro" dependerá, portanto, de uma resposta à pergunta subsidiária: "são estes quatro verbos equivalentes?". Essa resposta deverá ser, evidentemente, negativa. "Ir" significa modificar a posição. "Haver" significa possuir, ter propriedade. "Querer" significa tender livremente para algo. "Dever" significa aparecer, tornar-se aparente. No presente caso, os quatro verbos estão sendo afirmados em relação ao ser. A primeira resposta afirma: "Futuro é modificação da posição do ser." A segunda afirma: "Futuro é propriedade do ser." A terceira afirma: "Futuro é tendência livre do ser." A quarta afirma: "Futuro é ser tornado aparente." Estão sendo afirmadas, portanto, quatro maneiras diferentes do ser, todas elas significando futuro. São quatro afirmativas ontologicamente diferentes. Estamos, pois, diante de quatro futuros ontologicamente diferentes. É interessante observar, embora superficialmente, essa diferença.

2

Futuro como modificação da posição do ser provoca a imagem de um rio em fluxo. É, com efeito, o rio de Heráclito, dentro do qual não podemos mergulhar duas vezes. As "coisas", estes componentes do ser, se derramam em uma direção que se chama futuro. Destinam-se para o futuro. O futuro significado pela frase "o que vai ser" é o destino. É previsível e é imutável. -Futuro como propriedade do ser provoca a imagem de uma formiga que passa ao longo de um círculo. Para a formiga a propriedade circular da linha desvenda-se passo a passo. No entanto, para quem vê o círculo de cima, para quem talvez desenhou o círculo (por exemplo Deus), a propriedade circular é sempre presente. "Deus vê o começo e o fim".

O futuro significado pela frase: "o que será" é uma dimensão do presente que ultrapassa as limitações do intelecto humano. É imprevisível e imutável. -Futuro como tendência livre do ser provoca a imagem de uma carga de cavalaria. O exército das "coisas" que compõem o ser precipita-se voluntariamente contra o inimigo invisível, o não-ser. É o avanço voluntário contra o nada (o projeto autêntico contra o nada, como dizem os existencialistas). O futuro significado pela frase "what will be" é, portanto, imprevisível e modificável, já que nós mesmos fazemos parte do exército de voluntários e da carga de nós, depende, em parte, o resultado da carga. -Futuro como ser tornado aparente provoca a imagem de uma semente que brota. A semente esconde dentro de si a árvore; a semente é árvore em potencial, é árvore irrealizada. A árvore é a realização da semente. A árvore é semente devinda. O futuro significado pela frase: "was sein wird" é a realização das potencialidades do presente. É previsível e é modificável negativamente, isto é, ele é evitável.

A análise fenomenológica superficial das quatro respostas à nossa pergunta inicial: "o que é futuro?" revela, portanto, o seguinte: As respostas divergem de acordo com a língua na qual estão sendo formuladas. Como todas são certas e corretas, (fato comprovável em qualquer livro de gramática), devemos concluir que o significado do futuro varia de língua para língua. Podemos, já agora, formular a resposta seguinte à nossa pergunta: "Futuro é uma categoria gramática de certas línguas e varia de língua para língua." A cigana, o astrólogo, a sibila, o mistégo, o profeta e o cientista pesquisam formas gramáticas, procuram conhecer os fundamentos ontológicos da língua dentro da qual pensam, evidentemente sem sabê-lo. Em sua procura de conhecer o futuro, crêm que estão pesquisando a "realidade", mas investigam, efetivamente, a língua.

Futuro, é, conforme disse, uma categoria de certas línguas. Esta afirmativa tem semelhança com a afirmativa tradicional da filosofia. Esta afirma que, o futuro, sendo aspecto do tempo, é uma categoria da realidade e do conhecimento. O que a filosofia tradicional quer dizer é o seguinte: A realidade aparece, "se dá", de diversas maneiras (categorias), e uma delas é o tempo. Inversamente, o intelecto humano conhece a realidade de diversas maneiras, entre elas temporalmente. Para a filosofia tradicional, (desde Aristoteles até N. Hartmann), é o futuro uma maneira da realidade de aparecer ao intelecto conhecedor. A teoria do conhecimento (a epistemologia) pesquisa justamente esta relação misteriosa entre realidade e intelecto que é o problema pressupõe, quando formulado nestes termos. Trata-se, entretanto de um mistério falso, e de uma bifurcação do conhecimento em conhecer e conhecido gratuita e desnecessária.

O futuro, longe de ser uma "categoria da realidade" e uma "categoria do conhecimento", é simplesmente uma categoria de certas línguas. Outras línguas, por exemplo o chinês, a desconhecem. O chinês tem, por certo, agrupamentos de sílabas, as quais, quando traduzidas para o português, podem adquirir a forma gramatical do futuro. Mas não necessariamente. Por exemplo: A mesma frase mandarim poderá ser traduzida tanto em "seguiremos os nossos antepassados" como em "o método antigo é aplicável neste caso". O futuro não é uma categoria das línguas isolantes, as quais dispõem de categorias totalmente diferentes. Daí podemos concluir que a filosofia tradicional é prisioneira das línguas ocidentais ao afirmar que o tempo é uma "categoria da realidade" e/ou uma "categoria do conhecimento humano". Wittgenstein disse que a história da filosofia é a coleção das feridas que o espírito humano sofreu ao jogar-se contra as cercas da língua. O problema em discussão é uma bela ilustração para essa afirmativa.

O conhecimento consiste de frases, necessariamente formuladas em uma língua específica. Portanto é o conhecimento préformulado pelas regras dessa língua. Se essa língua for o português, o inglês ou o alemão, então certos conhecimentos terão a forma de futuro, de acordo com as regras dessas línguas. Somente neste sentido restrito podemos dizer que o futuro é uma "categoria do conhecimento". A realidade é apreendida e compreendida em pensamentos, isto é frases. Se estas forem portuguesas, inglesas ou alemãs, então certas realidades terão a forma do futuro de acordo com as regras dessas línguas. Somente neste sentido restrito podemos dizer que o futuro é uma "categoria da realidade". É evidente que a distinção nefasta entre conhecimento e realidade desaparece.

Temos, na prática, tres conceitos do futuro. O futuro indeterminado, do qual somos os artífices. O futuro predestinado, ao qual estamos sujeitos. O futuro previsível, o qual podemos evitar ou, talvez, modificar, se lhe, conhecermos as suas regras. Estes tres conceitos, que mal conseguimos sintetisar, são devidos à gramática das tres línguas, nas quais os pensamentos do Ocidente foram préformulados: o grego, o hebráico e o latim. Ultimamente está surgindo um quarto conceito, baseado no futuro alemão em "devenir" (werden). É um conceito orgânico, em contraste com os tres conceitos mecanicos tradicionais. Ele é responsável pela filosofia da história dialectica, (tanto hegeliana como marxista), e pelo existencialismo. Creio que uma análise paciente e profunda da gramática das quatro línguas contribuirá decisivamente para a sintetisação dos quatro conceitos. Trata-se, no fundo, de um problema de tradução. Wittgenstein penetrou, com seu espírito lógico e frio, até quase às raízes da língua. Desesperou quando verificou que o pensamento não se pode ultrapassar e caiu em misticismo mudo. O seu desespero não me parece justificado. A língua é algo rico, vive e em expansão, é algo creador e produtivo. O espírito pode expandir-se e criar nela. Se afirmei, no curso deste artigo, que o futuro é um aspecto de certas línguas, nada lhe tirei de sua fertilidade, nem do seu terror, nem da sua beleza. Como seres pensadores, isto é formuladores de frases, participamos do tecido da língua, portanto participamos da formulação do futuro. Nada vejo de puramente formal e tautológico nessa formulação, como o supõe Wittgenstein. O futuro, tal qual é formulado por uma língua específica, é real para mim, pelo tempo que nela penso. Participando da formulação desse futuro, estou modificando um futuro real, pelo menos neste sentido algo restrito. As formas portuguesas "será" e "vai ser" o provam. Está se processando, em português, uma revolução quanto ao conceito do futuro, da qual todos nós participamos. O "será" está sendo substituído pelo "vai ser". Trata-se de uma autêntica tomada de uma nova consciência sobre a totalidade da realidade, que não é menos autêntica por ser uma consciência ainda não plenamente consciente.

Por ser um aspecto da língua na qual pensamos e a qual ajudamos formular, é o futuro um instrumento do qual nos utilizamos e o qual ajudamos a forjar. Neste sentido é válida a frase de Schiller em Wallenstein "In deiner Brust sind deines Schicksals Sterne" (no teu peito estão os astros do teu destino).